

ORISVALDO PIRES  
orisvaldopires@gmail.com

## OBSERVATÓRIO

# Um grito de socorro

O crescente aumento do consumo e do tráfico de drogas nos forçam a perguntar se as políticas sociais preventivas e repressivas ora colocadas em prática são eficientes mesmo. Onde falhamos? O que precisamos mudar na metodologia utilizada pelos inúmeros programas, projetos e estratégias? Enquanto seres humanos, filhos de Deus, estamos falhando com nosso próximo? É angustiante constatar que, a cada dia, nossos jovens são empurrados para o mundo das drogas e da criminalidade, marginalizados pela falta de educação, saúde, emprego e, essencialmente, respeito. E não precisamos ir longe para comprovarmos essa realidade. Basta abrir a porta da sala, ou dar uma volta em algumas das praças da cidade no período noturno.

Há alguns dias tive um diálogo com uma pessoa conhecida, usuária do crack, um subproduto da cocaína que age de maneira letal diretamente no cérebro assim que inalado. Um eficiente produto de matar. Numa confidência que quase soava como um pedido de ajuda, me disse que consumia diversas pedras diariamente e que não conseguia parar. Um jovem, com seus poucos mais de trinta anos, ainda com força laboral, de um intelecto considerável, mas ferido naquilo que tem de mais

precioso: a dignidade. Ao invés de uma sala de aula ou um local de trabalho, as constantes passagens pela cadeia e a dureza das ruas.

E naquela angústia e certa vergonha ao falar do assunto, perguntou se eu poderia ajudar a encaminhá-lo a um local para tratamento. Imediatamente me lembrei das fazendinhas, mantidas por organismos ligados à Igreja, que reconhecidamente recuperam pessoas nesta condição. Conheço muitos que passaram por elas e consegui-

deve ser espontâneo. Não pode ser forçado. Este é um princípio básico observado em todas as entrevistas com representantes das entidades que oferecem este serviço. Se é assim, então por quê esse amigo, disposto a se recuperar e mudar de vida, não encontra um caminho para atingir este objetivo? Segundo ele, tentou vaga em uma instituição de saúde que recupera dependentes de drogas, mas não conseguiu.

Numa entrevista concedida a

família está recuperada, a partir da iniciativa do Juizado da Infância e da Cruzada pela Dignidade.

O Dr Carlos Limongi informou que, em algumas semanas, será constituído um grupo de ação que trabalhará junto às escolas. Segundo ele algo inédito na forma que se propõe. Este é um ambiente onde o socorro deve chegar rápido. Se as drogas já chegaram dentro de nossas casas, por quê não chegariam nas escolas? Casos em que adolescentes conhecem drogas dentro do ambiente escolar já foram registrados.

Que a desestruturação da família, a inversão de valores e o desrespeito à dignidade da pessoa humana são fatores que explicam os desajustes sociais todos sabemos. Mas, e aí? Identificada a fonte dos problemas, o que é feito para melhorar as coisas? Os investimentos públicos neste setor carecem não apenas da elevação de valores, mas especialmente da eficiência em sua aplicação. E, quando nosso próximo estender a mão para nós, precisamos estar preparados para assisti-lo. Mas, para isso, é necessário facilitar o acesso ao tratamento, à informação, sem preconceitos ou reservas. Que todas as vezes que alguém bater em nossa porta com o desejo de se libertar, ela esteja aberta para acolher, compreender e ajudar.

*Que todas as vezes que alguém bater em nossa porta com o desejo de se libertar, ela esteja aberta para acolher, compreender e ajudar.*

ram romper as correntes que os mantinham presos às drogas. Mas meu amigo disse que não queria voltar a uma fazendinha. “Lá tem que rezar”, disse. A comprovação da destruição interna provocada pelas drogas. Filho de uma família com laços firmes de fé, deixou de acreditar naquela que talvez seja sua única saída.

A experiência vivida nesta conversa foi esclarecedora. É fundamental para quem quer se curar do uso de drogas que tenha realmente a disposição de ser curado.

mim há alguns meses, o promotor da Infância e da Juventude, Dr Carlos Alexandre Marques, concluiu que o crack havia “invadido” Anápolis. Algumas semanas depois ele trabalhava em um caso de uma família inteira consumidora de crack. O pai, a mãe e os quatro filhos foram encontrados na passagem inferior à BR 060, próximo ao Campus da UEG. Pelo menos um dos meninos tinha idade inferior a dez anos. Hoje, informa o juiz da Infância e da Juventude, Dr. Carlos José Limongi Sterse, essa mesma

**[PARCERIAS – Polícia Civil pede a participação da Associação Comercial e Industrial em campanhas para tentar reduzir índice de homicídios no município]**

# Projeto envolve empresários na redução da criminalidade

Marcos Aurélio Silva

O projeto “Polícia Civil de Goiás em Anápolis na Luta pela Vida” foi apresentado na Associação dos Comerciais e Industriais de Anápolis (Acia) na última quarta-feira (24). Formado pelo delegado titular do Grupo de Investigações de Homicídios de Anápolis, Fábio Vilela, o trabalho visa buscar parcerias com entidades classistas para minimizar os índices de assassinatos no município.

O projeto foi apresentado aos membros da Acia com a abordagem de temas de segurança pública, índices de violência, campanhas e debates sobre o assunto. O delegado destacou que a participação das classes organizadas é “imprescindível para um resultado positivo do trabalho a ser desenvolvido no município”.

A execução do projeto já foi aprovada pela 3ª Delegacia Regional de Polícia Civil e agora busca o apoio da sociedade organizada e órgãos não governamentais. Segundo Fábio Vilela, o objetivo neste momento é a participação do público alvo para aplicação da nova ferramenta.

“Esse projeto é paralelo ao plano de ação do grupo de investigação de homicídios daqui de Anápolis. O objetivo é a prevenção da violência para tentar baixar os índices que foram acrescidos no ano de 2009”, explicou o delegado.



UBIRATAN LOPES observa palestra do delegado Fábio Vilela, titular do novo Grupo de Investigações de Homicídios

A apresentação feita à classe empresarial enumerava as soluções para a violência contra a vida mais utilizadas em grandes cidades de todo o mundo. O foco, de acordo com o projeto, é a tentativa de prevenir situações ocasionais que acabam resultando no crime de homicídio. Ações estratégicas como fiscalização de estabelecimentos ligados a venda de bebida alcoólica, questões relativas à expansão urbana, iluminação pública e até coleta de lixo foram citadas como áreas ligadas à prevenção de assassinatos.

“Anápolis não tem ‘pistolagem’. Então não tem uma

atuação de grupos organizados. Sendo assim, o principal fator a ser trabalhado é no sentido de prevenir, buscando razões sociais para os homicídios”, apresentou o delegado.

Campanhas educativas fazem parte do plano de trabalho especificado no projeto apresentado. Segundo Fábio Vilela, a reunião com os empresários é no sentido de conseguir colaboração para consolidação do trabalho de redução no índice de homicídios.

O delegado explicou que a participação da entidade classista é simples, podendo apenas proporcionar mo-

mentos para palestra dentro das empresas. “Temos recursos humanos suficientes e preparados para conversar com o trabalhador levando informação através de cartilhas de situações que geralmente resultam em crimes de homicídios”, apontou.

O presidente da Acia, Ubiratan Lopes, destacou que dentre as preocupações da entidade está a segurança pública, e que há o interesse dos empresários em viabilizar o projeto. “Na verdade esse projeto é novo, mas vamos trabalhar os índices de homicídios em Anápolis. Em relação a outras cidades nossos números são baixos,

mas é muito importante que tenhamos um trabalho no sentido de pelo menos manter essa porcentagem”, disse o líder classista.

Ubiratan garantiu que a Acia está dando todo apoio à Polícia Civil na execução de medidas que favoreçam efetivamente a segurança pública. De acordo com ele, a entidade está voltada para o desenvolvimento de Anápolis, nesse sentido há interesse para que o projeto avance.

A droga é o elemento apontado pelo delegado como a principal razão para os crimes de homicídios. O combate ao uso de substâncias alucinógenas também está contemplado no projeto apresentado para a Acia. “Nós vamos trazer o projeto ‘Escola Sem Drogas’ para trabalhar junto com a Delegacia de Homicídios, dando palestras e promovendo debates nas escolas da rede de ensino municipal e estadual”, adiantou o delegado.

### ASSASSINATOS

Os dados da Polícia Civil mostram que somente em 2010 já foram cometidos oito homicídios em Anápolis. Apesar de o índice atual ser menor do que o mesmo período do ano passado ainda há uma preocupação em torno da prática desse crime. “A tendência desses crimes é sempre aumentar, tendo em vista o crescimento populacional, mas vamos tentar trabalhar para diminuir ao ponto de alcançar a meta estabelecida pela Or-

ganização das Nações Unidas”, salienta o delegado.

O Grupo de Investigações de Homicídio de Anápolis ainda está sendo implantado e deve entrar em pleno funcionamento até abril. Por enquanto os homicídios que vem ocorrendo estão sendo investigados por outras delegacias. Segundo o delegado Fábio Vilela, a partir do funcionamento da delegacia de homicídios os crimes que acontecerem passaram a ser presididos pelo Grupo.

“Ainda estamos adaptando um prédio. Temos uma lei municipal que autoriza a construção dessa delegacia especializada, mas isso demanda tempo por estar ligado a licitações. Então vamos atender na delegacia regional até que esse processo finalize”, contou Fábio.

A nova repartição da Polícia Civil contará com uma novidade. O Grupo de Investigações de Homicídio vai realizar um projeto piloto, executando a digitalização dos processos investigativos, dando clareza e agilidade aos trabalhos.

Superchama Com. e Transporte de Gás Ltda

**TORNA PÚBLICO** que requereu à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável, Diretoria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos a renovação de sua licença de funcionamento para comércio varejista de gás liquefeito de petróleo em Anápolis - GO.